

Inventando o futuro

Paula Noronha
Solange Valeriano Pinto
Talita Vidal Pereira

DOCENTE

(Baseado no poema JOSÉ de Carlos Drummond de Andrade)

E agora, docente?

*O sinal tocou,
a aula acabou,
o aluno sumiu,
pandemia chegou
E agora docente?
E agora você?
Você que é analfabyte,
desconhece os aplicativos
você que planeja, elabora,
enche o quadro, corrige, avalia,
exige...*

E agora, docente?

*Está sem a lousa, o diário, o
pilot
Sem o barulho da turma,
Sem os gestos de acolhida
Já não pode abraçar, beijar,
consolar
Já não pode as festinhas
Lanchar já não pode*

*O vírus chegou, derrubou,
matou, governo negou
Distanciamento não veio,
o leite não veio, insumo não
veio
Não veio a vacina, negaram a
medicina
Oxigênio acabou, empatia fugiu*

*Com o smart na mão
Quer tentar um contato
No Face, no Insta, não existe link*

*Quer achá-lo no zap
Ele o bloqueou...
Quer o aluno presente.
Se vacilar, manda embora!
Docente, e agora?*

*Se ele o chamasse, atividades
enviasse...*

*Se mandasse uma foto, com as
letras apagadas*

*Uma luz, um contato, um sinal de
fumaça...*

*A coluna doída, tendinite,
ciático...*

*Ele não retorna, sua dor aumenta,
Você fica triste, mesmo assim
resiste.*

*Se você cansasse, dormisse,
desistisse...,*

*Mas você estuda, pesquisa, é
insistente...*

Você é duro, docente!

*Mas ele também sofre, sozinho no
escuro*

*Sem possibilidades, sem
perspectivas...*

*Povo aglomerou, hospital lotou,
planeta doente...*

E agora docente?

E agora docente?

*Sua garganta seca, sua testa
febril*

Sem olfato, sem fome

*Sua angústia sem nome, sua
resiliência*

*Suas aulas híbridas, seu aluno
distante*

*Online, o ignora, provoca sua
ira,*

Seu ódio – e agora?

*Às vezes, sem Net, sem smart,
sem nada...*

*Em comunidades pobres, frágeis,
ameaçadas...*

*Busca reinventar-se, apesar das
faltas...*

*Tudo é aprendido nesse novo
inesperado*

*E você segue a-postando,
mesmo se ele não responde*

Você marcha, docente!

Docente para onde?

Solange Valeriano Pinto
(25/04/2021)

A adaptação do poema José diz muito sobre as expectativas e as incertezas experimentadas pelos docentes em tempos de pandemia e que são relatadas por duas professoras com quem conversamos. Com formação similar, mas atuando em níveis diferentes da Educação Básica, as duas nos ajudam a compreender o quão complexas são as realidades vividas e as formas de enfrentar as diversidades. O quão são perversas generalizações seja para minimizar, seja para enfatizar as dificuldades enfrentadas cotidianamente e que, sempre é bom lembrar, são preexistentes à pandemia e intensificadas por ela.

Pérola e Ametista¹ têm formação em Letras. Pérola atua no Ensino Fundamental II e Ametista no Ensino Médio, em instituições de dois municípios da Baixada Fluminense- Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Não é exagero afirmar que os municípios podem ser caracterizados como

¹ Usamos pseudônimos

idades dormitórios cuja população vem sendo fortemente afetada pela crise sanitária e econômica que dela recorreu e que continua se aprofundando.

Nas falas de ambas é possível perceber a produção de sentidos em torno daquilo que nos acostumamos a pensar/naturalizar escola e ensino e que sofre forte abalo frente à suspensão das atividades escolares presenciais em *espaçotempos* de escolarização em todos os níveis pelo mundo afora, em decorrência da pandemia da COVID-19.

Com a suspensão das atividades escolares presenciais a alternativa encontrada foi recorrer à organização de atividades remotas o que, para Pérola significou empreender novas aprendizagens, não só para ela, mas também para os estudantes. Perola reconhece a importância do “apoio da escola (coordenadores, professores de informática e amigos de profissão)” nesse processo, mas destaca que “nem todos os profissionais da área da educação consigam contar com essa ajuda”.

Por sua vez, Ametista parece ser uma dentre esses “todos” que encontram pouco apoio para vencer os desafios, talvez isso explique a sua afirmação de que não viveu nenhuma experiência positiva nesse processo.

De certo não nos cabe julgar uma ou outra professora. Mas achamos produtivo pensar em que medida a insatisfação, o desgaste, a desesperança já estavam presente no cotidiano de Ametista e se intensificaram com a pandemia. Ametista significa o seu fazer, a sua atuação como docente como lugar de falta, sem potência. Um sentimento que emerge com a pandemia ou é anterior a ela?

Os impactos das desigualdades econômicas e sociais na alienação de parte significativa da população do acesso à internet e na organização para condições adequadas de ensino, por parte dos docentes, e de aprendizagem, por parte dos estudantes são reais. Mas existiam antes da pandemia. E provavelmente persistirão quando retornarmos ao ensino presencial. Pensamos que idealizar o presencial nos ajuda pouco na disputa que é central

em torno dos processos de significação de educação, de escola e de ensino (LOPES; MACEDO, 2011). Disputas e decisões que acontecem em torno de “certezas” alimentadas sobre o que são, e o que deveriam ser, a educação e o ensino. Em torno daquilo que nos acostumamos a pensar/naturalizar como norma de funcionamento da escola que não são mais do que posicionamentos e disputas arbitrárias (PEREIRA, 2017).

Referências:

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. Currículo. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 19- 42.

PEREIRA, Talita V. Gramática e lógica: jogo de linguagem que favorece sentidos de conhecimento como coisa. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 3, p. 600-616, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/pereira.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Sobre as autoras:

Paula Noronha: Licencianda em Pedagogia Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ).

Solange Valeriano Pinto: Professora Graduada em Letras.